

coluna do  
**broadcastagro****Distribuidoras pedem fim de negócios com CBIOS**

A Federação Nacional das Distribuidoras de Combustíveis, Gás Natural e Biocombustíveis (Brasilcom) enviou ao ministro Bento Albuquerque, das Minas e Energia, ofício pedindo a suspensão das negociações dos Créditos de Descarbonização (CBIOS). Os títulos, emitidos por produtores de etanol e biodiesel, são o principal pilar da política nacional de biocombustíveis, o Renovabio, e deverão ser negociados a partir de abril. As distribuidoras de combustível devem adquirir os créditos para cumprir metas de redução do uso de gases do efeito estufa. No documento obtido pela coluna, a entidade, que representa 40 empresas, argumenta que o valor dos CBIOS é desconhecido e que nenhum agente público ou privado informou parâmetros para precificar o título, "sujeito às especulações financeiras".



Lavoura de cana. Os CBIOS devem começar a ser negociados em abril

» **Mais tempo.** A Brasilcom pede que os negócios ocorram apenas quando houver uma disponibilidade mínima dos CBIOS para que "não haja distorções da oferta e da procura que venham a majorar sobremaneira o ativo". Outro pedido é que os CBIOS só sejam lançados no mercado se o emissor primário, ou seja, o produtor, estiver em dia com as obrigações fiscais.

» **Na fila.** Enquanto distribuidoras reclamam, representantes do setor de etanol trabalham para que Antonio Padua Rodrigues, diretor da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) desde os anos 90, seja indicado ao comando da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). O atual presidente, Décio Oddone, renunciou há dois meses, mas segue até 27 de março no comando do órgão que é responsável, entre outras atribuições, por fiscalizar o RenovaBio.

» **Não é sim.** Na Unica, o presidente Evandro Gussi afirma desconhecer o lobby para a indicação de Padua à ANP. Mas vê o diretor como um grande nome para o cargo de Oddone, embora a Unica perdesse com a eventual saída.

» **Na fronteira.** A Mosaic e o operador logístico Multitrans já têm uma fábrica de mistura de fertilizantes em funcionamento na capital maranhense, São Luís. A ideia é atender melhor também Tocantins e Piauí. "Esperamos dobrar a participação na região de 70 mil para 140 mil toneladas", diz Eduardo Monteiro, diretor de distribuição de fertilizantes da empresa.

» **Para cá.** A empresa quer aproveitar a estrutura do Porto do Itaquí (MA) para receber fertilizantes, já que parte da matéria-prima vem dos Estados Unidos e do Canadá. Conforme Monteiro, o Matopi (acrônimo de Maranhão, Tocantins e Piauí) consome em torno de 2 milhões de toneladas do insumo e deve crescer 2% ao ano, em linha com o resto do Brasil.

» **Calma, calma.** O impacto do coronavírus na China não deve afetar as entregas da Mosaic no Brasil, segundo Monteiro. "Nossa base de abastecimento é a América do Norte, então estamos absolutamente confortáveis de que nossos compromissos serão 100% honrados", diz. Ainda assim, ele observa que, como a China é um grande

produtor de fósforo, especialmente a região mais atingida pela pandemia, os preços estão "bastante firmes" no mercado chinês.

» **Desestímulo.** A tributação das exportações de soja na Argentina deve fazer com que o país dê prioridade às vendas externas de biodiesel em vez do grão, avalia Daniel Amaral, economista-chefe da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove). Ele lembra que fábricas do país já tinham comprado soja, a preços mais baixos, antes do aumento do imposto, no início do mês, para 33% no caso de soja e derivados e 30% do biodiesel. "A indústria vai tentar agregar valor na forma de biodiesel e exportá-lo, porque paga menos imposto", afirma.

» **Mercado**  
**US\$ 16,5 bi**  
foram exportados pela Argentina em soja em grão, farelo, óleo e biodiesel em 2019

» **Alimento para...** Estudo da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) e da consultoria Agricone mostra que a produção de carne suína e de frango do País é suficiente para alimentar 396 milhões e 247 milhões de pessoas, respectivamente. Desse total, 210 milhões de pessoas compõem o mercado interno, que consome 69% da produção de carne de frango, de 13,2 milhões de toneladas, e 82% da suína, de 4,1 milhões de toneladas. Segundo o estudo, o terço restante da proteína de ave vai para 150 países e pode alimentar mais 186 milhões de pessoas. Já os outros 18% da produção de carne suína são destinados para 90 países e mais 37 milhões de pessoas.

» **..o mundo.** O levantamento revela também que o custo de uma dieta baseada nas necessidades recomendadas de proteína é menor na comparação entre carne suína e de frango com fontes vegetais. No Brasil, o gasto necessário para o consumo recomendado de proteínas pode variar de US\$ 15,91 por mês para frango a US\$ 25,97/mês para suínos, enquanto o custo da dieta feita a partir de proteínas vegetais como soja é de US\$ 118,37/mês e lentilha chega a US\$ 58,33/mês.

GUSTAVO PORTO, AUGUSTO DECKER, ISADORA DUARTE e LETICIA KAKULSKI

**Opinião****Falta combinar com os russos**

LUÍS EDUARDO ASSIS

No sábado de carnaval, O Estado de S. Paulo publicou a estimativa dos analistas para o desempenho da bolsa na semana seguinte. A ameaça do coronavírus não inibiu o otimismo da tigrada. Nada menos que 52,6% dos pesquisados apontaram que a bolsa deveria subir, contra apenas 15,8% que acreditavam na queda. A diferença para os 100% representa os que ficaram em cima do muro. O Ibovespa acumulou uma queda de 8,4% na semana. Um banho de sangue. Na semana seguinte, os otimistas ainda eram 50%, ao passo que apenas 27,8% dos pesquisados acreditavam que a bolsa iria cair. Caiu mais 6%. Na semana passada, a chacinha foi ainda maior, mas apenas 22% dos pesquisados acreditavam na queda. Olhando para trás, os mesmos analistas hoje são capazes de explicar com grande desenvoltura as razões da hecatombe, lembrando que, afinal de contas, claro, o coronavírus é uma ameaça à sobrevivência da humanidade. Moral da história: depois do desastre, consumado o morticínio, é fácil explicar por que a bolsa tinha tudo para derreter.

Na economia pode estar acontecendo algo parecido. O crescimento do PIB em 2019 mostra que estamos rastejando. O produto do último trimestre do ano passado ficou abaixo do patamar em que estava em 2012. Os investimentos ainda eram 26% menores do que foram no final de 2013. O PIB per capita avançou 0,34% (menos ainda que em 2017 e 2018), o que fez com que este indicador para 2019 ficasse 1,7% abaixo do índice de 2010. Nesse ritmo, o PIB per capita de 2013 será alcançado novamente apenas em 2042.

No mercado de trabalho ocorre algo similar. Em janeiro deste ano, havia 11,9 milhões de desocupados, 712 mil a menos que em janeiro de 2019. Está caindo, mas esse número ainda é quase o dobro dos 6,2 milhões de desocupados de janeiro de 2014. O aumento do emprego é maior no mercado informal, onde os rendimentos são mais baixos e os benefícios sociais, inexistentes. Enquanto o emprego com carteira assinada vem crescendo a uma taxa anual de 1,1%, o emprego por conta própria avança 4,1%

ao ano. Em janeiro, o rendimento dos trabalhadores por conta própria foi 21% menor que o dos que têm carteira assinada. A pequena queda do desemprego em 2019 veio acompanhada de um aumento recorde da informalidade. Segundo o IBGE, o trabalho informal no ano passado foi a principal ocupação de mais de 40% da população em 21 Estados, o mais alto percentual desde 2016.

Enquanto isso, o exército de miseráveis aumenta. Não há ainda números para 2019, mas em 2018 o mesmo IBGE contou 13,5 milhões de pessoas com rendimento inferior a US\$ 1,90 por dia. Pelo mesmo critério, em 2012 o número de miseráveis era de 10 milhões.

O lamaçal em que nos metemos tem uma evidente implicação política. O economista inglês W. Jevons acreditava, no século 19, que os ciclos econômicos eram determinados pela variação das manchas solares. O mais comum, mesmo, é que os trabalhadores atribuam suas vicissitudes não ao alinhamento dos planetas,

**Não sabemos se nem quando haverá uma reação da sociedade ao desprezível crescimento da economia**

mas ao governo de plantão. O governo está aí para levar a culpa. Neste prisma, é de esperar que na ausência de uma aceleração do crescimento comecem a surgir aqui e ali sinais de descontentamento. Por ora, o horizonte está limpo e não há sinal de impaciência que prenuncie tensão social. Mas os ingredientes estão colocados.

Não consta que o governo tenha combinado com os trabalhadores que eles esperarão o tempo necessário para que as reformas surtam o efeito desejado. Como acontece com a debacle do mercado financeiro, não sabemos se nem quando haverá uma reação da sociedade ao desprezível crescimento da economia. A única coisa que sabemos é que, se acontecer, será muito fácil explicar as razões.

\* ECONOMISTA, FOI DIRETOR DE POLÍTICA MONETÁRIA DO BANCO CENTRAL E PROFESSOR DE ECONOMIA DA PUC-SP E DA FGV-SP. E-MAIL: LUIS.EDUARDO@GMAIL.COM

**O Mapa da Bolsa**

» As ações que mais subiram e as que mais caíram na semana passada

Melhores	Na semana	Em 1 mês
CCR ON	0,62%	-19,44%
Engie Brasil ON	0,40%	-4,29%
JBS ON	-0,67%	-20,62%
B2W ON	-2,63%	-25,30%
Vale ON	-3,83%	-17,72%
Piores		
GOL PN	-46,94%	-68,45%
IRB Brasil ON	-38,91%	-69,51%
Azul PN	-36,12%	-58,12%
Petrobrás ON	-34,08%	-50,33%
CVC ON	-32,91%	-54,69%

OBS.: EMPRESAS QUE FAZEM PARTE DO ÍNDICE IBOVESPA

FONTE: BROADCAST

INFO@RCP.COM.BR

**Primeira Pessoa**

Frederico Pompeu,  
Chefe do BoostLab do BTG

**'Nosso objetivo é ser o banco do ecossistema das startups'**

De olho na expansão das fintechs, o BTG criou em janeiro de 2018 o BoostLab, comandado por Frederico Pompeu. O objetivo da nova área, segundo o executivo, é se aproximar dessas empresas, que olham tudo que os bancos fazem e tentam se especializar em apenas uma coisa. "Queremos ser o banco desse ecossistema."

» Como surgiu o BoostLab?

Estou no banco desde 2001. De uns tempos para cá comecei a cobrir fintechs, Nubank, Stone... E comecei a perceber que o tempo entre a criação das empresas até elas se tornarem unicórnio estava cada vez mais rápido. O que Stone e Nubank fizeram representa uma mudança estrutural importante. Comecei a falar para o pessoal aqui dentro que se a gente quisesse ser o banco desse pessoal teríamos de estar mais próximo deles. Não adianta querer ficar amigo da empresa quando ela vale US\$ 10 bilhões. Temos de ajudar desde o início. Foi aí que em janeiro de 2018 criamos o BoostLab. No início, decidimos visitar todo mundo. Fomos para China, Estados Unidos, Israel. Começamos com um programa de potencialização.

» E qual o objetivo?

O meu trabalho é fazer a disrupção do banco. Preciso ser um radar de novas tecnologias e novas soluções e ser o primeiro a levantar a bandeira e dizer: "Temos de olhar esse negócio porque isso pode nos afetar e matar nosso business". Não podemos olhar só o nosso



competidor direto. E não adianta fingir que um negócio não vai te afetar. Se você não fizer, alguém fará por você. O nosso objetivo é ser o banco do ecossistema, o banco que vai atender a essas startups.

» Quem participa do programa?

Nosso programa é setorial. Convidamos empresas que já têm tração, ou seja, que têm clientes. Na pior das hipóteses, eles vão conhecer um bando de gente legal. Além dos sócios do banco, executivos de renome no mercado participam do programa como mentor. Há um encontro por mês. Em cada encontro abordamos um tema. E, no final, tem um encontro com vários investidores do mercado para os empreendedores fazerem suas apresentações, conseguirem aportes e negócios.

» Vocês já fizeram negócios com as empresas do programa?

Sim. Já fizemos negócios com mais de 70% dessas empresas. Até agora foram 28 empresas. Além disso, já investimos em cinco delas. Buscamos soluções que nos ajudem a impulsionar e melhorar a performance do banco. / RENE PEREIRA

**TRADINGNEWS**  
FUNDAMENTAL PARA AS DECISÕES DOS SEUS INVESTIMENTOS

- Notícias e cotações em tempo real
- Sala de mercado com a Redação Broadcast
- Produto ideal para investidores pessoa física

ACESSE [WWW.TRADINGNEWSBROADCAST.COM.BR](http://WWW.TRADINGNEWSBROADCAST.COM.BR)

**TRADINGNEWS broadcast**

